



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

GABINETE DO REITOR COMISSÃO DA VERDADE

Entrevista Realizada em 01/11/2013

Hora: 14h30min

Local: Sala de Reuniões dos Colegiados Superiores

Entrevistado: José Bezerra Marinho

Responsável pela transcrição: Patrícia Morais

[Carlos Gomes] Bom, eu declaro aberta a reunião. A ata eu considero aprovada porque todos receberam a cópia e dentro daquele aspecto que nós já imprimimos na nossa comissão, com a feliz idéia de Patrícia daquela denominação que eu acho corretíssima 'verdades cruzadas', eu cruzei depoimentos aqui prestados em relação ao professor Ivoncísio e em relação ao professor Jair Eloy. Então o que acontece: Ivoncísio matou a charada porque ele realmente presidiu a comissão. Vocês sabem do que se trata, né? Daquele concurso de monitor. No meu tempo de faculdade, que é o seu tempo, as provas não eram identificadas. Fazia a prova, tinha um canhoto e depois é que a secretaria identificava. Então a prova escrita tendo sido feita, quando se identificou o nome dos candidatos e que apareceu o nome de Juliano, Ivoncísio disse “bom, eu sou impedido”. O outro membro que era João Meira Lima disse “também eu sou impedido”. Então o que é que fizeram, eles imediatamente alegaram impedimento legal, não era nem suspensão, era impedimento legal. Então foi nomeado Luiz Carlos Guimarães, que faleceu. Eu procurei o menino Lucio Teixeira, ele disse que se lembra da reunião, mas não era o presidente e que não tem a idéia do que aconteceu. Então a história, em relação a Ivoncísio, ele não tem nada a ver com isso. Não foi ele que ficou responsável pelo resultado, até porque ele deu prova que ele [Juliano] tinha tirado nota 10, deu a nota e depois entregou por força de impedimento legal. O restante eu não sei por que morreu Luiz Carlos Guimarães, ninguém encontra essa documentação. Então apenas eu estou com o documento, eu acho que passei para você, não passei? O de Ivoncísio, você tira aquilo alí para fazer parte do dossiê que é exatamente as verdades cruzadas, uma acusação e uma defesa. A segunda é Jair Eloy, exatamente o que aconteceu no depoimento eu mandei dizer a ele. Ele deu suas explicações, deu também. Eu mandei para você e quero que tire cópia e fique lá registrado. Mandou por email. E hoje nós temos a satisfação porque através de Edilson consegui localizar José Bezerra Marinho, que foi também umas das pessoas objeto de um depoimento, que andou falando fatos que - ele vai contar a história dele, eu prefiro que ele conte - e que alegou que ele tinha mudado de lado. Então são as chamadas 'palavras cruzadas', nós estamos recebendo aqui o professor José Bezerra Marinho Junior, que vai então, ele já sabe do assunto, que vai então gravar a sua versão daquele

acontecimento, claro que nos interessa, além da resposta específica, que você conte alguma do movimento estudantil daquela época, que você inclusive foi a manchete né? Quando saiu a revista, o primeiro de cima do caminhão era você. Então eu gostaria que você tenha a palavra.

[José Bezerra Marinho] Muito obrigado professor Carlos Gomes. É com muita alegria que eu volto à universidade federal do Rio Grande do Norte, onde tenho, da onde eu guardo grandes lembranças muito queridas, desde a minha atividade de formação no curso de Direito, na faculdade da Ribeira, até depois quando por aqui estive como professor. Esse tempo, esse olhar com a curiosidade absolutamente necessária do ponto de vista histórico, ético e moral sobre o passado que não é nem tão passado assim porque hoje se atualiza de diversas formas e meios, a mim parece absolutamente necessário. Sobretudo no que se refere à prevenção para o futuro. O olhar sobre o passado, nessas circunstâncias, antes de mais nada, uma prevenção contra o futuro. E igualmente, tenho também a certeza disso, busca-se a reparação daquilo que é possível reparar, uma vez que vidas foram imoladas, personalidades foram destroçadas. Tenho entre os meus mais queridos amigos o Frei Tito, que foi destroçado psicologicamente, é algo que me emociona até hoje a menção de Frei Tito, a quem recebia na minha casa regularmente, como hóspede, quando ele vinha do Ceará, meu companheiro de Juventude Estudantil Católica. Isso para citar um exemplo. A minha visão sobre a pessoa humana, inserida no mundo, a busca duma convivência, duma sociedade harmônica, justa, começou na minha vida com a minha formação católica, no cristianismo embasado no evangelho e esse cristianismo realizado na Igreja Católica e desde muito cedo na Juventude Estudantil Católica. Igreja Católica essa onde permaneço até hoje, embora não siga rigorosamente os preceitos da hierarquia, sobretudo no que se refere à orientação de alguns papas. Para a minha alegria agora temos um que nos enche de esperança em relação à Igreja, o papa Francisco. Mas desde muito cedo, 11, 12 anos de idade, eu estava ligado a este tipo de coisa, participando da Juventude Estudantil Católica. E naquela época, nós estamos falando exatamente em 1963, essas esperanças receberam um duro golpe com o evento de 64. Temos que admitir que em 1964, com 15 anos de idade, eu não tinha a percepção exata do que estava se passando. Somente com a perspectiva do tempo, o amadurecimento é que isso veio a acontecer. Mas o que nós pressentimos - eu era estudante do colégio Marista naquela altura - o que se pressentia é que aquilo era contra ao que nós pregávamos, contra o que se estava conseguindo construir que era uma sociedade justa, solidária e fraterna. E por uma razão simples, porque as pessoas que estavam a nós ligadas, e que estavam no movimento estudantil tanto secundário quanto na universidade, elas foram presas, elas tiveram que se esconder, sobretudo os nossos companheiros que estavam na JUC naquela altura (juventude universitária católica). E havia também companheiros que estavam na AP, que aquela altura ainda não tinham feito a cisão e adotado uma postura, um viés marxista-leninista. A AP ainda estava como uma dissidência da JUC, mas ainda mantinha uma outra linha. Muito bem, isso logo em seguida eu saio do colégio Marista, vou para o Atheneu, onde travo conhecimento com outros companheiros e esses de uma linha, sobretudo Juliano, a quem eu me liguei muito e passei a admirar e admiro até hoje. O brilhantismo, a inteligência, a profusão de conhecimento do ponto de vista filosófico, do ponto de vista da história, da filosofia. E Juliano ligava-se naquela ao PCBR (Partido comunista brasileiro revolucionário). Eu tinha alguns amigos ligados ao PCR (partido comunista revolucionário), outros ligados à AP, mas a minha afinidade com Juliano era mais de natureza pessoal do que mesmo programática do ponto de vista do que propunha o PCBR que era que se iniciasse a luta a partir de uma mobilização dos centros urbanos enquanto o PCR propunha que se viesse do campo para as cidades. Havia, além disso, também companheiros do PCB, como o companheiro como Gileno Guanabara, como o companheiro Hermano do curso de Medicina etc. Enfim, era uma coletânea, uma plêiade de ideias diferentes pela incrível capacidade que a esquerda sempre teve de se dividir. Mas havia uma convivência harmônica, de alguma forma nós conseguíamos. Quebrávamos os o pau

internamente, mas saíamos com algumas coisas em comum. Aí foram movimentos como a greve no Atheneu, a tentativa de mobilização nos colégios particulares. Eu estou falando em 1966, 1967. Eu tinha 17 para 18 anos, que é também a idade de Juliano. Acho que ambos nascemos no mesmo ano. Eu nunca abandonei meus princípios cristãos, tinha minhas discussões do ponto de vista ideológico. Me lembro que na faculdade de direito, e aí nós já tínhamos passado no vestibular em janeiro de 1968, na faculdade de direito, Juliano sempre foi muito adepto à confrontação pessoal, da discussão não necessariamente desrespeitosa, mas ele gostava do embate, do cotejo de ideias, verbal. E eu, embora goste da diferença, sei que a diversidade não compromete a unidade, sei que a diversidade enriquece a unidade mas a minha opção pessoal preferencial não é pela confrontação, faço outro estilo mais conciliador. Daqui a pouco vou mostrar em que isso resultou. Juliano tinha mais essa atitude de provocação dos professores e que aceitavam bem essa provocação. Tinha isso com o professor Múcio Ribeiro Dantas, tinha isso com Cortez Pereira. Me lembro que um dia ele teve lá um embate com um dos professores. E eu vim do outro lado com uma proposição da apresentação das ideias do Padre Pierre Teilhard de Chardin e ficou um ambiente muito interessante no primeiro ano do curso de direito. Ele trazendo toda uma proposta marxista e eu do outro lado trazendo a visão de Teilhard de Chardin, no que se refere à proposição fenômeno humano, Teilhard De Chardin também pesquisador, um paleontólogo importante. Enfim, havia um clima de divergência e diversidade de ideias extremamente agradável mas era impossível que isso se transformasse que isso fosse apenas uma tertúlia, nós estávamos em um país conflagrado. E aí veio o primeiro momento de tensão, muito grave interna. Foi quando o da escolha do representante do Rio Grande do Norte para a participação do congresso da UNE de Ibiúna em 1968, lembrando apenas que o ano de 1968 foi um ano absolutamente remarcado na história do país e do mundo. Tinha havido a morte do estudante Edson Luíz, tinha havido greves nacionais, tinha havido passeata dos cem mil e houve então a proposta de se fazer o trigésimo congresso da UNE e não se sabia onde seria esse congresso da UNE. Mas começou a discussão de quem representaria o Rio Grande do Norte. Quem seriam os representantes do Rio Grande do Norte e os critérios para a escolha ficou meio embaralhado, não ficou com muita clareza e terminou que foi feita uma votação e foram escolhidos alguns por um determinado critério e outros com outros critérios. Resultou isso que viajamos para lá Jaime Ariston de Araújo Sobrinho, Dermi Azevedo, José Rocha, que tinha o apelido de Kerginaldo (o que lhe criou grave problema depois porque as forças repressão achava que Kerginaldo era o codinome de guerrilha quando na verdade a avó dele não gostava do nome José Rocha e resolveu chamá-lo de Kerginaldo porque achava bonito, não tinha nada a ver com isso), Kerginaldo e também João Maria Ruivo... e acho que eram essas as pessoas e eu. A ida para o congresso dessas pessoas. E por outro critério se fez presente lá Gileno Guanabara. O caso do Rio Grande do Norte foi igual ao de vários estados. A maioria dos estados tinham a chamada pendência, chegava lá uma representação, se dizia com direito a voto, chegava outra e dizia “nós é que temos direito a voto” e essas pendências precisavam ser, essas questões precisavam ser dirimidas na assembleia. Então gastou-se todos os primeiros dias, o dia inteiro do primeiro e do segundo dia para dirimir essas pendências, no terceiro dia o congresso caiu. Então grande, forte e traumático aprendizado. Mas chegamos finalmente lá ao congresso. É muito importante considerar aqui que a forma de chegar ao congresso – já que era um congresso proibido, portando uma reunião secreta com a participação de 900 estudantes. Olhando na perspectiva histórica, você fazer uma reunião secreta com 900 pessoas é algo improvável que dê certo. Mas o que que está por trás disso... a AP que tinha a presidência da UNE através do companheiro Luiz Travassos entendia que a luta devia dar-se pelo acirramento da luta de classes. E entendia que estando o estamento social chamado estudantes, com 900 deles ou mais presos, faria com que houvesse um acirramento da classe média contra o regime porque os seus representantes estudantes, essencialmente a classe média (ou pelo menos foi percebido assim naquele momento). A classe média estaria sendo atingida e estaria em luta aguçada, essa luta, contra o regime. Esse era

o entendimento da AP, portanto a queda do congresso fazia parte do pacote. E do outro lado, lutando para ser eleito presidente, estava Jean-Marc Van der Weil, Wladimir Palmeira e Zé Dirceu. Zé Dirceu e Wladimir apoiando uma outra chapa e o Jean-Marc Van der Weil candidato, apoiado pela AP. A chegada ao congresso eu faço questão de contar em alguns detalhes - peço permissão à comissão – porque essa ida ao congresso foi o que eu usei, já que quando eu fui preso e estava prestando depoimento, o congresso já tinha acontecido, já tinha caído e quem tinha sido preso por conta do congresso já tinha sido solto, então os detalhes da chegada ao congresso foi o que eu usei para recheiar o meu depoimento, dando a impressão que estava falando muito, e realmente estava, mas sem transmitir nada que fosse relevante. Era absolutamente inócuo o que estava sendo dito. Mas passou da seguinte forma: nós recebemos aqui um cidadão, jovem como nós. Esse camarada tinha um hábito de mastigar um plástico, sempre que a gente se encontrou com ele estava mastigando um plástico, falava muito pouco e deu a seguinte orientação: vocês saiam daqui de preferencia de paletó e gravata para não parecer em nada que são estudantes. Se tiver condições de reunir dinheiro, não saiam de ônibus, saiam de avião onde a supervisão da polícia para procurar estudantes que estão se deslocando para o congresso será menor, seguramente, do que ônibus. Vocês cheguem em São Paulo e vão para São José dos Campos, chegando em São José dos Campos vocês vão para a praça tal e deu o nome da praça, fiquem aguardando nessa praça e chegará um jovem com um guarda-chuva. Vocês se dirijam a ele e perguntem onde fica a faculdade de direito, ele dirá que é em Santana. Se a contra-senha dele for Santana vocês saberão que estão falando com alguém da nossa equipe e ele então vai levar vocês para um determinado local e daí vocês seguirão novas senhas e contra-senhas para chegar finalmente ao local do congresso. Acontece que nós conseguimos dinheiro, conseguimos sair daqui de avião e todos nós, menos o Gileno que saiu por outros meios porque não foi incluindo nosso grupo, a gente entendeu que, como eu disse há pouco, ele foi escolhido mediante outros critérios. Acontece que o avião que nós íamos, que era um avião da VASP, ele sofreu um problema e ficou preso em Salvador e não seguiu, conforme estava previsto, para chegar em São Paulo no mesmo dia. Eu tinha um contato, dado por Juliano, para me encontrar com alguém do PCBR para, através dessa pessoa, fazer contato com a delegação do PCBR que estaria no congresso. Como o avião ficou em Salvador, o ponto que eu teria em São Paulo para isso, eu perdi. Então, ficamos em Salvador e quando chegamos em São Paulo já não tínhamos mais certeza que o ponto de São José dos Campos nós conseguiríamos, mas conseguimos. Conseguimos, deu-se exatamente isso. A pessoa que contactou o cidadão que chegou com o guarda-chuva fui eu, perguntei onde ficava a faculdade de direito, ele disse em Santana, nos levou a uma combi e que nos levou a um seminário da Igreja Católica em São José do Campos onde já estavam outros participantes de outros estados, todos do Nordeste. De lá nós saímos com a nova senha – um número de telefone – e tomamos ônibus isoladamente, cada um, e fomos para São Paulo. Ligamos para o número de telefone... São Paulo estava uma verdadeira praça de guerra, com movimentos, passeatas, gás lacrimogênio, pedra, cavalo. O centro de São Paulo estava um absurdo. Nós ligamos para o número de telefone e desse número de telefone vieram dois carros e nos levaram para o local do congresso que foi na cidade de Ibiúna. Dentro do congresso, a história é conhecida. O que se passou... nós ficamos lá em cima de um forro plástico, em cima de lama porque estava muito frio e chovia muito. Chegamos lá, me parece... bom, o congresso caiu dia 12, devemos ter entrado no congresso dia 08, ter entrado na fazenda. Eu só encontrei Frei Tito, que era um dos contatos, só encontrei Tito na véspera da queda. Finalmente um sábado de manhã, entra a força publica de São Paulo, que era como era chamada a polícia estadual e o congresso caiu. Eles entraram atirando para cima e pediram que nós colocássemos as mãos na cabeça. Entraram em vários locais. Depois nós sabemos que pessoas que participavam do congresso tinham ido às padarias que ficavam na sede do município e, por exemplo, comprado todo o estoque de chocolate, por exemplo. Comprado todos os pães que estavam alí disponíveis e tinham pedido, deixado encomendado, os pães que viessem a ser

fabricados durante a noite toda. Coisas dessa natureza... era impossível o congresso sobreviver minimamente seguro. Bom, saímos e foram 15 km subindo e descendo pequenas colinas até a sede do município. Como eu fui um dos últimos grupos a chegar, os ônibus que eles tinham levado para nos transportar para São Paulo já estavam lotados e eu e outros ficamos em cima de um caminhão. O caminhão, comigo e outras pessoas, foi fotografado. A revista Veja tinha lançado o primeiro número no início de outubro e este era o número 5 da revista Veja, era a isso que se referia o professor Carlos Gomes. E eu estou lá, na capa, em cima desse caminhão. Ficamos preso no recolhimento Tiradentes, em São Paulo. Havia entre 30 e 35 presos por cela. Esta cela caberia, de forma razoável, 10 pessoas. Mas ficamos com esse número. Alguns deitavam-se para dormir e outros ficavam em pé e aí nós íamos levando as nossas condições dessa maneira. Alimentação era muito sofrida. Havia toneis no centro do corredor e os presos correccionais é que nos serviam. Eles abriam as celas, com uma escolta de guardas fardados, normalmente um oficial ou sargento e um cabo com quatro ou cinco soldados. Esses toneis, um deles era cheio d'água com pratos plásticos, um outro cheio de arroz, outro com carne ou algo semelhante a carne, e outro com feijão. Aqueles presos correccionais metiam a mão no tonel com prato plástico, metiam dentro do tonel com feijão, com a mão jogavam arroz alí em cima e tiravam um pedaço de carne e nos entregava aquilo. Não havia talher, evidentemente, não havia colher, nem de plástico. Nós havíamos enfrentado muito frio em Ibiúna, alguns de nós tínhamos rachado os lábios. Participou disto tudo, está aí para comprovar o que eu estou dizendo o Dermi Azevedo, por exemplo. Então eu tentava comer com a mão mas não dava para abrir a boca, pois eu tinha cortado o lábio não dava. Daí com a carteira de identidade plastificada eu tentava jogar a comida na boca, mas era uma tragédia, não dava também. Alimentação pressupõe um mínimo de prazer e aquilo não dava. A condição de higiene de um lado, a falta de sabor de um outro, aquilo era extremamente salgado. Então houve uma decisão, a qual aderi com todo entusiasmo, de fazermos uma greve de fome para apressarmos os depoimentos, pois nós sabíamos que 900 estudantes do Brasil inteiro estava desgastando o governo estadual. E que se esses estudantes entrassem em greve de fome o risco de algum deles passar mal ou vir até a morrer, deixaria em pânico o governador Abréu Sodré, que era o governador de São Paulo na época. Então eu aderi entusiasticamente. Ficamos aí perto de 72 horas em greve de fome. Aí eles começaram a nos ouvir no DOPS de São Paulo, mas a ouvir de uma forma absolutamente burocrática. Era uma identificação, pura e simplesmente. Nome, filiação, você dava a carteira de identidade, ele lhe qualificava, pegava o documento de identidade, anotava. Evidente que isso era para depois iniciar um processo contra você. Ele nos qualificava e nos soltava. Começamos a receber, em grande quantidade, alimentos, lanches e tal, preparados pelas senhoras mães dos estudantes paulistas. Elas começaram a preparar e deixar na porta do recolhimento de presos da avenida Tiradentes. Começamos a tentar comer esta comida, mas eles não nos dava. Bom, três ou quatro dias depois tinham ouvido todo mundo e Abréu Sodré decidiu fazer o seguinte: ônibus na direção do Nordeste, do Brasil central, do sul e em quantidade suficiente para levar os estudantes, para tirar do estado de São Paulo. O que ele queria era tirar do estado de São Paulo para diminuir ou apagar o desgaste que ele sofria. Isso aconteceu e nós do Rio Grande do Norte saímos no ônibus da direção Nordeste. Saímos de São Paulo pelo Rio de Janeiro para irmos pro Nordeste. Quando chegamos no Rio de Janeiro, Jaime Ariston propôs o seguinte: vamos saltar aqui no Rio de Janeiro porque ninguém sabe como estamos sendo esperados em Natal, pode ser que Nordeste já estejamos sendo esperados para sermos presos de novo. Saltamos na cidade de Três Rios, no Rio de Janeiro e tomamos um trem para o Rio e fomos à casa duma irmã de Jaime, onde fomos tomar a primeira refeição decente dos últimos 15 dias. De lá havia o bilhete de passagem de avião de volta e voltamos para Natal. Não aconteceu nada até, eu estou falando em outubro de 1968, não aconteceu nada até 24 de dezembro, véspera de natal de 1968. Eu tinha estado com Juliano, Gercino Saraiva na casa do jornalista Rubens Lemos, até umas 2hrs, 3hrs da manhã ouvindo discos da bienal do samba, estávamos assim

num clima muito agradável... 2hrs, 3hrs da manhã saímos à pé, ele morava alí perto da Praça Cívica, na rua Seridó, eu vim a pé, Juliano foi pra casa dele que era na rua Felipe Camarão, eu vim a pé com Gercino, Gercino passou para a casa dele que ficava na rua Campos Sales e eu morava na rua Afonso Pena, fui pra minha casa. Notei, quando estava chegando em casa que tinha umas pessoas conversando numa rodinha assim de duas, três pessoas talvez, numa esquina depois da minha casa. Achei esquisito pelo horário, Natal era muito pequena, essas coisas não eram razoáveis, naquela época não era comum, mas enfim, fui dormir nessa hora, devia ser 3hrs da manhã. Às 6hrs da manhã a minha avó, já com quase 80 anos naquela época, me chama dizendo que pessoas da Polícia Federal estavam na minha casa. Aí eu fui preso, as pessoas que estavam lá já estavam vendo a minha casa, vigiando a minha casa e não tinham entrado esperando que desse 6hrs da manhã. Eu fui preso e levado pro quartel do 16 R.I. Do quartel do 16 R.I eu fui colocado numa cela grande que ficava no corpo da guarda. Você entra no corpo da guarda, à direita tem uma cela grande, onde já estava Jaime Ariston. Foi até engraçado porque ele olhou pra mim e perguntou se eu havia sido preso, ao que respondi “não, vim lhe visitar”. Ficamos presos alí, a notícia da nossa prisão chegou para Juliano e ele teve tempo de fugir. Gercino também teve tempo de fugir, mas eu, Jaime e João Maria Ruivo fomos presos. Nessa cela nós ficamos aí horas apenas e depois fomos para solitárias no fundo do quartel, já perto do morro do Tirol, onde tem a mata atlântica. Aí ficamos alí em solitárias e só dia 26, 2 depois, foi tomado o primeiro depoimento. Uma comissão foi constituída, presidida pelo major do exército chamado Adjacir, eu não me lembro o sobrenome, um capitão dos fuzileiros navais chamado Roberto e um capitão da aeronáutica chamado Lasmar, estes eram os membros da comissão. Perguntas básicas sobre movimento estudantil, o que eu achava de alguns autores, como por exemplo Herbert Marcuse, qual era a minha opinião. Por quê que eu participava de greves proibidas, por quê eu tinha ido ao congresso da UNE de Ibiúna. Perguntas absolutamente genéricas e não direcionadas para nada, especificamente, até porque é importante considerar, que as questões relativas aos grupos de guerrilhas, assalto à banco, justiciamento etc são episódios que vem ocorrer na sequência, até então nós estávamos nos movimento de rua. Em Natal não aconteceu nada que envolvesse ninguém. Sobre o que eu pensava de Herbert Marcuse eu disse “olha, eu acho que traz uma proposta de reflexão interessante, do ponto de vista ideológico, para que se pense a força vital da juventude” ou seja, eu não dizia nada, mas dizia coisas e aquilo era tomado por termo, por um sargento alí ávido, numa máquina de escrever, era um instrumento que existia antes. Diante disto tudo, voltei pra cela no primeiro dia. Quando voltei no segundo dia, eles disseram “olha, você não nos disse nada. Eu quero saber o seguinte, o que é que você tem para nos dizer que facilite nosso trabalho, porque precisamos de informações, ou seja, precisamos cumprir uma tarefa”. Eu disse que estava às ordens para o que quisessem saber. Esse congresso foi um absurdo... e aí eu disse “o congresso foi feito assim...” e aí narrei em detalhes o que acabei de dizer pros senhores. “Chegou um cidadão, mastigando plástico, deu uma senha etc”... e aí eles vibraram, porque havia um mistério, coisas secretas... eles vibraram! Foi uma coisa assim de entusiasmo da parte deles. E aí é o que se passou. No dia seguinte, isso tomaram depoimentos de outras pessoas – e nós estávamos incomunicável, atenção, isso é muito importante -. João Maria Ruivo foi preso porque ele tinha sido militar da aeronáutica e era estudante de medicina. Foi preso e levado para a base aérea de Natal, depois foi para a base naval. Jaime ficou numa solitária e eu fiquei em outra. Os níveis de constrangimento – eu estou diante de uma comissão constituída para que a verdade destes tempos seja posta a nu – os níveis de constrangimento fora o fato de eu ser comunicado pelo capitão Lasmar, coisas que eram absolutamente previsíveis. Por exemplo, “sua mãe é cardíaca, não é? Hoje o doutor Ovídio Fernandes e verificou que ela está com a pressão um pouco alta, 16x13”. Isto é um nível de constrangimento grave. Há um outro que eu peço licença aqui, para narrar. Eu nesta solitária, alterado psicologicamente, amanheci o dia com uma cólica intestinal violentíssima. Havia um oficial que ficava sentado no corredor das solitárias. Este oficial detinha a chave de todos os

cadeados das solitárias e num determinado dia eu acordei com esta cólica intestinal e vi que o oficial não estava e pedi a um soldado lá pra chamar o oficial. Ele chamou pelo rádio e o oficial disse que não podia ir, só depois da parada. A parada é um evento da maior significação, quando às 7hrs da manhã toca-se uma música e todo mundo bate continência ao terreno do quartel. Então ele não podia ir antes desse evento. Mas eu estava em condições limites com essa cólica intestinal, mas ele não podia ir. E o que se passou foi que eu tive que utilizar um saco plástico dentro da cela onde eu me encontrava. É um nível de constrangimento muito grave do ponto de vista humano, nada comparado à tortura que foi submetido vários companheiros, nada comparável aos que perderam a vida, à crianças que foram torturadas mas quem está depondo aqui sou eu e este foi o nível de constrangimento que eu passei. Bom, no dia... ano novo também passei preso e no dia 3 de janeiro, preso desde o dia 24, no dia 3 de janeiro eu fui levado à presença do general comandante chamado Ildebrando de Assis Duque Estrada. Ele disse “eu mandei chamar porque sei que você é sobrinho do coronel Hermógenes, que é um digno oficial do Exército Brasileiro, me telefonou, foi aluno do meu pai, é um homem honrado e portanto eu quero ouvir, quero saber que história você tem para contar porque acho que queremos a mesma coisa, apenas estamos em caminhos diferentes”. Eu disse “eu acho que é isso, coronel. Nós queremos a mesma coisa, mas estamos em caminhos diferentes, mas eu acho que a gente pode aqui – quase eu digo – entrar num acordo”. Aí ele disse, “eu estou com o seu depoimento aqui, realmente é um depoimento que abre caminhos e você vai ser liberado” e eu fui liberado. Esta liberação ressoou porque todos os outros continuaram presos, a leitura que foi feita disso foi o seguinte: Marinho deve ter falado tudo que queria e por isso foi solto, então se livrou falando tudo que queria. O fato é que continua o processo. Uma das primeiras coisas que eu fiz foi procurar a senhora Iris, mãe de Juliano e com ela fui visitar Juliano que estava escondido, não posso hoje dizer exatamente onde porque Natal cresceu demais, mas equivaleria à região do antigo carrasco, o professor aqui deve se lembrar. Ele me disse “você veja que precipitação de conclusões pode ser uma coisa perigosa pois quando você não compareceu à nossa reunião, às 7hrs da manhã, eu fiquei achando que você estava fugindo de uma responsabilidade ou não tinha acordado em tempo, mas na verdade você estava preso”. Essa foi uma das últimas conversas que eu tive com Juliano, depois disso ele realmente saiu e na sequência foi preso, passou muitos anos preso, submetido à torturas bárbaras, etc... O que se passa é que eu fui indiciado, os outros que estavam presos foram sendo soltos, acho que um ficou preso, aliás, 2 ficaram presos. Eu fui indiciado, julgado e condenado a um ano, então tudo aquilo que tinha sido dito sobre eu ter providenciado informações para ser liberado já não tinha sentido, porque eu fui condenado a um ano. O que é curioso, aliás, curioso não, é que ninguém teve o cuidado de desmontar a calúnia, após eu ter passado um ano preso na Casa de Detenção. A Casa de Detenção de Natal que hoje é o centro de Turismo, havia uma população de tuberculosos em torno de 70% alí estava Jaime Ariston, Ivaldo Caetano e outros. Com a minha chegada, eu tinha tido, na solitária do 16 R.I, um problema de saúde, que foi um pico de hipertensão, que tenho desde os 19 anos – com pai cardíaco e mãe cardíaca - de idade que eu tenho a pressão arterial controlada por remédios. Então eu tive um pico de hipertensão no 16 R.I e eles ficaram preocupados, quando eu cheguei na Casa de Detenção eu dormia sem ser trancafiado e tal e por pressão mesmo de familiares nós todos, não somente eu, fôssemos transferidos para delegacias da cidade. Professor Carlos Gomes certamente se lembra porque foi por conta disso que alguns professores puderam ir às delegacias aplicar provas. Eu, por exemplo, devo a atenção enorme de alguns professores porque apesar destes 7 meses presos eu não perdi o ano por falta, porque os professores abonavam as faltas, me entregavam temas para que eu desenvolvesse trabalhos, ainda preso, para não perder o ano. Então saímos da Casa de Detenção e fomos distribuídos por essas delegacias. Mas aí ocorreu um episódio que foi a doença ou acidente vascular cerebral do presidente Costa e Silva. Com a instabilidade do país, foi decretado estado de sítio, assumiu o governo uma junta militar e acabamos sendo transferidos dessas delegacias para

solitárias, só que dessa vez não no quartel do 16 R.I mas o quartel da polícia. Pela legislação vigente naquela época até ser julgado, até a sentença ser definida, ficava-se em estabelecimento militar do exército, marinha ou aeronáutica. Depois da Sentença, depois do julgamento era cumprido em estabelecimento penal civil, então estávamos na Casa de Detenção por conta disto. Mas aí não fomos mais para o quartel do exército e sim da polícia e foi aí eu passei os 6 meses restante preso. Fui absorvido por unanimidade no Supremo Tribunal Militar e outros foram absorvidos também e outros tiveram a pena reduzida e aí por volta do início de dezembro de 1969 eu estava absorvido e solto. Na sequência disso, e aí eu precisava trabalhar, meu pai era funcionário público, morreu trabalhando, porque se aposentasse não tinha condições de manter a família. Eu tentei trabalhar em alguns lugares mas fui impedido declaradamente por conta da minha condição de ex-presos político, mas eu ousei muito. Tentei ser intérprete de inglês no navio 'hope', que era um navio hospital que teve aqui, mas também fui vetado por conta desses episódios. Eu me dou logo à disposição para qualquer pergunta, não apenas aos membros da comissão mas todos que aqui estão, se quiserem mais algum esclarecimento. Reitero enorme respeito e admiração pessoal que tenho pelo trabalho da comissão, pela importância que reconheço, não apenas pela reparação que possa vir a ser feita para quem efetivamente sofreu, o que não foi o meu caso, com a ditadura bárbara que viveu este país e, principalmente, uma forma de examinar do presente o passado, prevenir o futuro. É este o meu entendimento, professor.

[Almir Bueno] Em primeiro lugar quero agradecer o depoimento, a gente tem ouvido aqui depoimentos de diversas pessoas e acho que o seu depoimento também vem no sentido de ser mais um dado para a gente avaliar. Eu sou de uma geração um pouquinho posterior, mas sempre quando ouço depoimento sobre o Congresso de Ibiúna eu lembro porque, como o pessoal já sabe aqui, a minha participação no congresso da UNE de reconstrução, em 1977, com dificuldades diferentes, eram outros tempos, mas contando a minha participação. A minha questão é mais do ponto de vista – a minha formação é de professor de História, lotado lá em Caicó – é mais uma curiosidade em relação ao ponto de vista histórico, não diretamente relacionado aqui com a comissão, mas quando o senhor disse dos critérios para escolha dos representantes para o Congresso de Ibiúna, aqui no Rio Grande do Norte. O senhor mencionou que houve dois critérios diferentes de seleção. O senhor poderia explicitar quais foram esses critérios?

[José Bezerra Marinho] Talvez eu não possa explicitar quais foram, posso dizer apenas o seguinte: o que estava em causa era que de um lado nós tínhamos uma linha ideológica de ação e confrontação com o sistema, que era do PCBR, que eu me ligava sendo da Igreja Católica. Do outro lado era o PCB, com uma linha de participação no processo político, um outro tipo de conduta. Nós queríamos ocupar o espaço com a nossa linha utilizamos uma escolha, vamos dizer assim, “ganhamos no grito”, coisa que ocorreu em vários outros estados e esse tipo de questão foi levada lá para a assembléia. O companheiro Gileno compareceu lá se apresentou como delegado também. Exatamente a disputa era entre Gileno e eu, que era a representação do curso de Direito. Dermi [Azevedo] representava Serviço Social, [João Maria] Ruivo medicina e o curso de Direito julgava-se representante e eu me apresentei como o credenciado. Então foi uma questão mais de táticas e estratégia do que critérios que mereçam ser analisados, digamos assim.

[Almir Bueno] Só mais uma questão. Depois da prisão, depois que o senhor foi solto, continuou na militância clandestina? Conte um pouquinho desse período posterior, por favor.

[José Bezerra Marinho] Continuei na militância na convicção profunda dos meus ideais, mas me afastei dos procedimentos, das alternativas que naquele momento estavam em voga. Então eu me

voltei para o trabalho interno dentro da Igreja, formação de quadros dentro da Igreja Católica. Fui professor do seminário maior da Arquidiocese e me candidatei a deputado constituinte aqui no Rio Grande do Norte, cheguei a ter 39.970 votos numa época que não existia voto eletrônico. É uma coisa que até hoje me emociona, saber que quase 40.000 mil pessoas saíram de casa num dia e escreveram meu nome ou meu número num papel. Mas pelos critérios de proporcionalidade, apesar dessa votação. Teve deputados nesse ano no Rio de Janeiro que foram eleitos com 1.200 votos, eu tive 39.000 e não fui eleito, fiquei como primeiro suplente, mas Álvaro Vale, no Rio de Janeiro, teve 250.000 mil votos, elegeu deputados com 1.000 e poucos votos. Tive uma participação aí, enfim, procurei e tenho procurado transformar em gesto concreto meu entendimento e minhas convicções. Falando objetivamente, é preciso que eu diga a verdade que, olhando pro passado e vendo certos rumos que as coisas tomaram, eu tenho que admitir que sequer concluí como é que vai ser, quando alguém tomar o poder, é preciso ver como ele se comportou para tomar o poder. Os meios que se utilizou e a forma que conduziu para chegar ao poder seguramente revela o que fará quando chegar ao poder. Isso foi um aprendizado, que toda essa minha conduta ocorreu por volta dos 18,19, 20 anos e um pouco antes no curso secundário. Por exemplo, eu fui presidente do diretório do Atheneu e naquela época para ser presidente do diretório eu tive mais votos do que seria necessário para eleger um vereador em Natal, pela quantidade de estudantes do Atheneu. A militância, o trabalho, a convivência, a comunicação... isso tudo foram episódios na minha vida que vem desde cedo. Para você ter uma ideia, quando Jânio Quadros renunciou eu tinha 12 anos de idade e, com um pouco de boa vontade se pode concluir que o que eu fiz no colégio Marista foi liderar uma greve, com 12 anos de idade. É preciso um pouco de boa vontade para concluir isso, mas foi mais ou menos o que eu fiz, naquela época. Enfim, tenho participado, participo, tenho desenvolvido hoje um trabalho como consultor em Angola, na África, na área de formação de pessoas, Angola hoje tem um surto de desenvolvimento extraordinário, vem tendo nos últimos 4 anos um crescimento na economia numa média de 13 a 15% e não tem quadros formados porque teve 40 anos de guerra civil, teve mais de 500 anos como colônia portuguesa e os portugueses foram impiedosos. Então hoje não têm quadros formados para assumir os postos de trabalho que aparecem, na exploração de petróleo, por exemplo, o angolano é motorista, exerce função de segurança, sempre atividades de menor importância. Então eu trabalho lá na formação de quadros, agora mesmo estamos implantando lá quatro centros de formação profissional. Enfim, coisas dessa natureza é o que eu venho fazendo. Fui diretor do SENAI no Brasil, que é uma outra forma de formar pessoas também. Esse tipo de atividade é para onde eu canalizei minha convicção e o meu desejo de contribuir para uma sociedade mais justa, solidária e fraterna.

[Carlos Gomes] Você foi candidato a deputado constituinte por qual partido?

[José Bezerra Marinho] Pelo PMDB. Mas é preciso ter cuidado para diferenciar o PMDB da época do doutor Ulisses.

[Carlos Gomes] Voltando a pergunta do professor Almir, o PCB me parece mais acomodado, aliás, não incomodado, mais pacífico.

[José Bezerra Marinho] Era, exatamente. Porque ele entendia que deveria participar do processo político eleitoral consentido e assim chegar ao poder. Eles não advogavam a luta armada. Quando a ditadura destruiu os que advogavam a luta armada, partiu e destruiu o PCB, o que foi terrível, porque eram pessoas que não estavam na luta armada. Foi quando Luís Maranhã foi morto e outras mortes brutais.

[Carlos Gomes] E essa outra corrente de Gileno?

[José Bezerra Marinho] Gileno era do PCB.

[Carlos Gomes] E qual corrente você se aliava?

[José Bezerra Marinho] A corrente a qual eu me alinhava, mas não me filiei nunca, era o PCBR (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário), que era aqui em Natal com Juliano Siqueira. Tinha o PCR que era onde estava Jaime Ariston e propunha por uma luta vinda do campo para a cidade. O PCBR era uma guerrilha urbana indo pro campo. Depois disso ocorreram várias cisões, algumas guerrilhas trotskistas.

[Carlos Gomes] Mais alguma pergunta? Pois não, Juan.

[Juan Almeida] Meu nome é Juan Almeida, sou aluno de Direito e representante estudantil. Nas nossas pesquisas nós encontramos alguns documentos como ficha do DOPS, do DEOPS de São Paulo e dentro do dossiê encontramos em anexo o seu prontuário da ASI (Assessoria de Segurança e Informação aqui da universidade) e consta um histórico da sua participação política na universidade. Conta que o senhor foi preso no Congresso de Ibiuna, em 1968 foi preso em Natal, posto à disposição do AI-5, em 1969 condenado pela auditoria da 7ª Região Militar a um ano de prisão, posto em liberdade ainda em 1969 por redução da pena por determinação do superior tribunal militar. Consta aqui na ficha, endereço etc. Consta também algumas informações da própria ASI. Por exemplo, AESI/UFRN – participação voluntária de operação militar junto ao comando militar projeto Rondon, revelando desejo de recuperação. No ano de 1972, também como fonte AESI, conta o seguinte: “Participou do I congresso de Direito do trabalho e previdência social, realizado na Faculdade de Direito da UFRN, tendo sido coordenador do congresso, colaborando intensamente com a AESI/UFRN, no controle e obtenção de informes necessários para a elaboração do plano de segurança e manutenção da disciplina. Revela-se em plena recuperação e desejoso de apagar a imagem que criou em torno de sua pessoa. Concluiu o bacharelado em Direito na faculdade de Direito da UFRN (1975), residindo em São Paulo e contratado pela UFRN através do processo 5076/75”. Eu gostaria de saber do senhor se é verdade essas acusações da assessoria que o senhor teria colaborado, como o senhor vê essas informações?

[José Bezerra Marinho] Eu não estou vendo acusações, vamos chamar de registros. Estes registros dizem o seguinte: primeiro, projeto Rondon. Você sabe do que se trata? Não? O projeto Rondon foi instituído pelo Ministério da Educação, que levava os estudantes a terem ações em comunidades economicamente deprimidas, em vários lugares do país. Então, por exemplo, estudantes de Direito eram levados a comunidades onde havia grande carência de registro civil, de emissão de carteira de identidade etc... Então me lembro bem onde foi este episódio, lá na região de Maxaranguape, eu estava concluindo o curso e juntamente com o professor Adilson Gurgel, que é professor desta universidade, fizemos uma frente de trabalho levando outros companheiros. Ele estava no quarto ano e eu no quinto ano. Ele também era concluinte porque com a turma de direito o curso passou a ter quatro anos e nós fomos sim fazer isso daí, que foi um trabalho independente de ser bem visto pelas forças que estavam no poder, foi um trabalho que foi extremamente importante para as populações. Segunda coisa: deixa eu pegar aqui para poder seguir a ordem. O congresso de direito. Fui escolhido para coordenar o I congresso de direito do trabalho na faculdade e para o congresso poder se realizar havia uma famigerada Assessoria de Segurança e Informação que exigia um plano de segurança. Quando eu vi o plano observei que não comprometia os propósitos do congresso e

então eu colaborei o máximo que pude porque o meu interesse era que o congresso acontecesse. Mas as coisas eram risíveis. Por exemplo, tinha alguém encarregado de informar se alguma peça subversiva ia passar no teatro que ficava do lado da faculdade durante o evento. Colaborei com tudo que foi necessário e outros colegas também.

[Juan Almeida] Porque eles utilizam umas expressões bem assim “desejoso de mudar a imagem que criou”...

[José Bezerra Marinho] Eu vou dizer uma coisa a vocês e espero que fique entre nós e o padre que nos confessa. Eu fui convidado por eles, perguntado se não queria seguir a carreira militar. Só para vocês terem uma ideia do nível de minha recuperação, lá para as tantas eu estou na livraria universitária, que é uma livraria que tinha alí na avenida Rio Branco, onde a gente se reunia com muita frequência, o pessoal da esquerda sempre estava por lá e aí vai saindo um desses militares da comissão que me interrogou e diz “olha, eu estava querendo mesmo falar com você, prazer revê-lo. Olha, na idade que você está, fazendo este curso, você poderia seguir sua carreira militar. Você tem um tio que poderia abonar esse seu passado. Isso para vocês terem uma ideia de como as coisas eram feitas. Na verdade, este tipo de percepção, eu devo dizer a vocês que contribui para que ela existisse. Agora a natureza da minha contribuição é que são elas. Não foi prejudicando as pessoas, até porque, isto é muito importante, este depoimento que eu dei aqueles três militares, ele foi tomado, integra o processo que eu respondi e este processo está na 7ª Região Militar, em Recife. A qualquer momento qualquer um pode chegar lá e pedir uma certidão deste depoimento. O nome de ninguém é citado alí, que tenha alguma importância. Obrigada, Juan.

[Juan Almeida] Obrigada pelos esclarecimentos, professor.

[Carlos Gomes] Seu parente é Hermógenes?

[José Bezerra Marinho] Sim, Hermógenes da yoga, trouxe a yoga para o Brasil.

[Almir Bueno] Aproveitando o gancho da questão, como a gente aqui também na universidade em relação a atuação da ASI. Sobre a atuação desta, o que o senhor tem a dizer sobre o período que estive na universidade e mesmo depois, quando foi professor (1976/77) ainda era no período em que a ASI aqui tinha uma atuação bastante incisiva, porque nós já tomamos depoimentos dos ex-reitores e aí ficou aquela ideia de que a ASI existia mas não funcionava.

[Carlos Gomes] Domingo recusou-se a depor. Eu consegui o e-mail da esposa dele e mandei três e-mails, no terceiro eu mandei um questionário, para o caso de ele não querer vir depor, porque existiam acusações contra ele até mesmo de Genário, que o chama de traidor, mas ele não respondeu. Então somos obrigados a aceitar o que disseram já que ele não se defendeu. Os e-mail não retornaram, então quer dizer que foram recebidos, tentei até por telefone e não consegui. Disseram que ele mora para os lados de Goiás. Duas pessoas que não consegui resposta foi ele e Ivan Benigno. Ele entrou em correspondência comigo agora, mas eu faço as perguntas e ele não responde. Mas já disse a ele que se não pretende responder às acusações é porque as aceita.

[Juan Almeida] Professor, quando o senhor foi chamado para elaborar este plano, quem lhe abordou da ASI?

[José Bezerra Marinho] Não foi uma coisa assim que eu elaborasse. Eles fizeram e perguntaram se

eu concordava com aquelas medidas, quando eu olhei as medidas eram inócuas. Para os fins que nós queríamos, porque desejávamos comemorar os 25 anos dos direitos do homem, no fim era isso e a forma que encontramos foi fazer o congresso de direito do trabalho.

[Juan Almeida] O senhor foi professor do curso de Direito?

[José Bezerra Marinho] Não, do curso de Comunicação.

[Juan Almeida] O senhor sentiu algum tipo de restrição durante o exercício da atividade, por parte da AI?

[José Bezerra Marinho] Nenhum. Não fui chamado nenhuma vez, não sei nem quem dirigia porque, na verdade, por volta de 1976/77, ela tinha caído um pouco de moda, ela tinha perdido força. Ela estava muito importante no tempo de Zacheu [reitorado de Genário Fonseca].

[Carlos Gomes] Alguma pergunta mais? Eu consegui o contato de José Bezerra Marinho através de Adilson, que me contou que ele estava de passagem por Natal. Então eu falei a ele que em algum depoimento tinha havido a acusação de que ele havia mudado de lado, aliás, que tinha colaborado com a ASI, coisa assim. Como aqui nós queremos a verdade. Então foi isso que eu consegui e ele prestou este depoimento. O senhor tem alguma pergunta a fazer?

[José Antônio Spinelli] O senhor foi professor da UFRN até que ano?

[José Bezerra Marinho] 1976/77.

[José Antônio Spinelli] Pediu demissão?

[José Bezerra Marinho] Não, eu fui contratado como professor-colaborador, para atender uma emergência.

[José Antônio Spinelli] Embora não tenha sofrido restrições, tinha conhecimento na época de que houve restrições, perseguição ou alguma interferência da ASI ou dos meios militares no âmbito da universidade?

[José Bezerra Marinho] Professor, isto era algo inquestionável, que havia restrição. A atmosfera, policial, de restrição, havia. Não havia o livre pensamento de uma universidade, não existia. O livre pensar não existia, havia pensou que pensavam livremente, mas fazia por risco próprio. O que é natural dum ambiente científico não havia, positivamente não havia. Havia um sentimento de opressão e um clima policialesco sempre. Nominar, especificamente, circunstâncias ou episódios eu não posso, mas o clima que se respirava era esse.

[Carlos Gomes] Mais alguma coisa? Bom, temos que agradecer. Considero seu depoimento valioso. Eu sou rápido nas anotações e acho que deu para dar uma visão bastante interessante dos movimentos, das divergências e sobre Ibiúna, principalmente que quase ninguém falou. Ivaldo Caetano e Gileno falaram alguma coisa, só. Então queremos agradecer e deixar o microfone para as suas considerações finais.

[José Bezerra Marinho] Eu que agradeço ao professor Carlos Gomes pela gentileza do convite.

Permaneço à disposição para novos esclarecimentos a qualquer momento. Entendo que para que não volte a acontecer é preciso ter absoluta clareza sobre o que aconteceu. Boa sorte à comissão.

[Carlos Gomes] Muito obrigado.